

# a poesia de HERMANN HESSE

Hermann Hesse é um poeta pessimista. Mas esta característica não lhe tira o alto valor que tem na poesia alemã dos fins do século passado e princípios do presente. Nascido na Suábia, na pequena cidade de Calw, do Württemberg, conterrâneo de Hölderlin e do filósofo Hegel, assimilou, talvez, das docuras da paisagem natal, a brandura da sua personalidade, que havia de reflectir-se na toada romântica e idílica da sua obra. Destinara-o o pai, por tradição de família e por credo próprio, a pastor protestante. Nessa ordem de ideias, foi enviado ao Seminário de Maulbronn, onde, também, estudaram Hölderlin e Hegel, além de muitos outros que se revoltaram. E em tal ritmo se repetiram as fugas à vida sacerdotal, que passarão à tradição alemã, as revoltas de Maulbronn. Também Hesse a cumpriu. E em 1897, aos 20 anos de idade, abandonou o Seminário para sempre. Simultaneamente, perdeu a fé. Querem alguns dos seus biógrafos que o grande poeta tenha florido, nele, durante a época seminarista, no silêncio da cela fria e repousante. Nunca do claustro, todavia, saíram os grandes voos da Libertação que é a Poesia! Não nascem — como diz o Povo — as águias nas capoeiras...

Depois de Maulbronn, na liberdade da vida, é que o Homem encontra o verdadeiro poeta e este se manifesta em toda a plenitude da sua grandeza. Mas Maulbronn deixou-lhe um estigma psíquico. O acabrunhamento que o claustro gera, manteve-se no poeta por largo tempo e manifestou-se, patologicamente, no homem. Julgaram-no doido, uns; possesso do diabo, outros!

O exorcista Blumhardt fez-lhe benzeduras... Mas a crise não se debelou. Só na Casa de Saúde de Stelten, reencontrou a saúde perdida. Com a saúde vem a segunda libertação e o poeta enamora-se da Natureza, através das suas flores. A pureza do paganismo afina-lhe a sensibilidade e a sua nova predileção dá-lhe motivos para um novo cântico à vida.

Constrói o paralelo prodigioso da vida da flor e da vida da mulher na poesia «Vida duma flor» (Leben einer Blume) que principia assim:

Entre um círculo de flores, na infantil timidez  
Ela olha à sua volta e, como flor exul,  
Sente, em ondas de luz, a sua pequenez,  
E que o dia e o Verão desabrocham no azul.

Mas a educação dos primeiros anos, a tirania paternal e a influência do seminário, com a série de recalcamientos que produziram, geram, em Hesse, um complexo de inferioridade que se manifesta, com raros oásis de optimismo, em terríveis lutas de personalidade que não-de amargurar-lhe toda a existência, num labirinto de conflitos do «Eu», envolvendo-o num manto inconsútil de tristeza. Era a neurose do convento (Stiffterneurose) a projectar-se na sua vida, numa sombra terrífica e permanente.

Em 1942 toda a sua obra poética foi condensada num só volume «Die Gedichte». Documento precioso duma alta sensibilidade e duma arte inconfundível, Hermann Hesse, o último dos românticos, o poeta da saudade e do perfume das flores, deixa à Literatura alemã e a todos os que, como Hölderlin, ainda «saúdam o mundo belo» uma obra intensamente humana e indizivelmente bela.

Extremamente sincero, ele abre o seu coração e o seu pensamento, ex-

prime o que lhe vai lá dentro, sem um disfarce, sem uma reserva. Assim na poesia «Este é o meu sofrimento»:

Este é o meu sofrimento, que eu, demasiadas vezes, vivo com máscaras bem pintadas e a mim e aos outros, muito bem aprendi a disfarçar. Sem esboço de acção, Sem uma tremura de inspiração em que não haja disfarce também.

Isto devo eu chamar o meu sofrer: Eu que me conheço até ao íntimo do meu ser, Presentindo o valor de cada pulsação, Sem um sorrir de sonho inconsciente, De prazer e de dor que, no presente, Possa tocar-me na alma com unção.

Poesia dum solitário que se manifesta em confidências de nostalgia e de dor, através duma arte inconfundível!

Numa outra poesia — «Resignação» — ergue o seu hino àquele que viajou por muitos caminhos, sem se importar de saber qual o último, porque sabe que todos são iguais e sabe que o indicador, no próprio peito, aponta sempre o mesmo caminho ingreme, para cima, para um novo sofrimento e sem nenhum novo prazer.

Um pessimismo pesado, caindo, como pedra tumular; sobre a sua personalidade!

Viajou, andou pela Índia, no sonho do Oriente, mas voltou nas vésperas da primeira Grande Guerra. Profundamente pacifista, fixou-se na Suíça, em Berne, e deu-se a trabalhar pelas vítimas da Guerra, ao mesmo tempo que, em prosa e verso, fazia a apologia da Paz e condenava toda a acção bélica.

Alheio a partidarios políticos, adverso a fanatismos, inimigo do pan-germanismo em todas as suas formas, mereceu, por esta atitude, a estima de Romain Rolland, que no «Au dessus de la mêlée» se lhe referiu nestes termos:

De todos os poetas alemães, o que escreveu as palavras mais serenas, as mais altas, o único que conservou, nesta guerra demoníaca, uma atitude verdadeiramente goethiana é aquele que a Suíça se honrou de ter por hóspede e quase por filho adoptivo Hermann Hesse».

Em Portugal, julgo que pouco se sabe deste grande poeta, fora das esferas universitárias. Ocupou-se dele, no ano lectivo findo, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Idília Simões Henriques, numa Dissertação de Licenciatura em Filologia Germânica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e inédita.

Mas num mundo que, mal saído duma guerra, se prepara para entrar noutra, parece-me que, para além do serviço prestado à divulgação da Arte, seria obra meritória editar os escritores que louvam e cantam a Paz, irmã gémea da Liberdade. O mais belo soneto de Hesse:

VASCO DE LEMOS MOURISCA

Primária de Janeiro 17. X. 48